

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

Espécies Arbóreas Brasileiras



Amendoim

Pterogyne nitens

volume

1

Amendoim

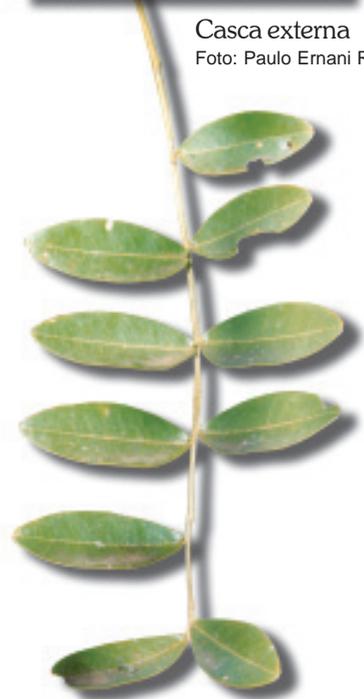
Pterogyne nitens



Árvore (Bela Vista do Paraíso, PR)
Foto: Paulo Ernani R. Carvalho



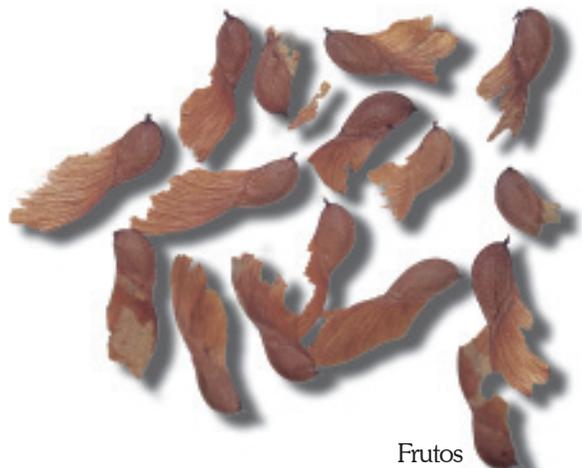
Casca externa
Foto: Paulo Ernani R. Carvalho



Folhas
Foto: Paulo Ernani R. Carvalho



Sementes
Foto: Carlos Eduardo F. Barbeiro



Frutos
Foto: Carlos Eduardo F. Barbeiro

Amendoim

Pterogyne nitens

Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o Sistema de Classificação de Cronquist, a taxonomia de *Pterogyne nitens* obedece à seguinte hierarquia:

Divisão: Magnoliophyta (Angiospermae)

Classe: Magnoliopsida (Dicotyledonae)

Ordem: Fabales

Família: Caesalpiniaceae (Leguminosae Caesalpinioideae).

Espécie: *Pterogyne nitens* Tulasne; Ann. Sc. Nat. 2 Ser. 20: 140, 1843.

Nomes vulgares no Brasil: amendoim-bravo, na Bahia, em Minas Gerais, no Paraná e no Estado de São Paulo; amendoim-do-campo, ibirará e óleo-branco, no Estado de São Paulo; amendoizeiro, no Paraná e no Estado de São Paulo; angelim, no Ceará; aroeira-brava; bálsamo, em Minas Gerais, em Mato Grosso do Sul, em Mato Grosso e no Rio Grande do Sul; bálsamo-do-pantanal, bálsamo-bravo, passarinho, santa-fé e viraró, em Mato Grosso do Sul; bassourinha, sucupira e sucupira-branca, em

Alagoas; bico-de-anu e carne-de-vaca, em Minas Gerais e nos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo; falsa-tipa e iviraró, no Rio Grande do Sul; feijão-cru, em Goiás; gonçalo-alves; guiraró; jacutinga; madeira-nova, na Bahia, no Ceará, em Goiás, em Minas Gerais, em Mato Grosso do Sul, em Pernambuco, no Piauí, e em Sergipe; óleo-pardo; pau-de-amendoim, no Estado de São Paulo; pau-de-fava, em Minas Gerais; vilão, na Bahia e em Pernambuco.

Nomes vulgares no exterior: ajunao, na Bolívia; viraró e tipa colorada, na Argentina, e yvyra'ro, no Paraguai.

Etimologia: *Pterogyne* tem origem em ptero (asa) e gyne (mulher), uma alusão ao fruto alado, levado pelo vento; o termo *nitens* significa brilhante (folha).

O nome popular diz respeito ao aspecto que apresenta a parte grossa seminífera, que tem superfície rugosa como o amendoim (Pickel, 1955).

Descrição

Forma biológica: árvore semicaducifólia, com 10 a 15 m de altura e 50 cm de DAP, podendo

atingir 35 m de altura e 120 cm de DAP, na idade adulta. Na Região Nordeste, mede 6 a 15 m de altura e 20 a 50 cm de DAP (Tigre, 1970).

Tronco: cilíndrico e reto. Fuste com até 15 m de comprimento.

Ramificação: cimoso a irregular. Copa paucifoliada, com galhos grossos e tortuosos.

Casca: com espessura de até 8 mm. A casca externa é pardo-cinza, lisa quando jovem e rugosa, áspera, com sulcos longitudinais estreitos e profundos, subdivididos em placas retangulares, quando adulta. A casca interna é rosa-vivo, com textura fibrosa.

Folhas: imparipinadas, com 10 a 30 cm de comprimento, compostas de 8 a 20 folíolos – de consistência subcoriácea – alternos, ovalados, emarginados com até 4 cm de comprimento.

Flores: hermafroditas, às vezes com ovário atrofiado (Castiglioni, 1975), de coloração amarelo-clara de 3 a 6 mm de comprimento, perfumadas, com 10 a 40 flores em racemos localizados na axila foliar, com 3 a 7 cm de comprimento.

Fruto: sâmara falciforme indeiscente, de coloração pardo-avermelhada a marrom-clara, de 3,5 a 6 cm de comprimento, estipitada, achatada, contendo uma só semente.

O núcleo do fruto é seminífero oblongo-obliquo, coriáceo, com reticulado denso, característico, nitidamente separado da ala por uma nervura oblíqua bem pronunciada. Ala apical, transverso-venosa, falcado-oblonga, subplicada, papiráceo-coriácea, com nervura dorsal muito pouco pronunciada (Vidal, 1978).

Semente: de cor castanha, e de formato variando de elíptica a oval-elíptica, com dois bicos, achatada, comprimida, lisa, lustrosa, com 1 a 2 cm de comprimento por 0,5 a 1 cm de largura.

A caracterização anatômica da semente dessa espécie pode ser encontrada em Góes et al. (2000).

Biologia Reprodutiva e Fenologia

Sistema sexual: planta monóica.

Sistema reprodutivo: espécie alógama ou de fecundação cruzada (Nogueira et al., 1986).

Vetor de polinização: principalmente as abelhas (Paula & Alves, 1997) e diversos insetos pequenos.

Floração: de setembro a outubro, no Ceará; de janeiro a fevereiro, no Estado do Rio de Janeiro; de janeiro a março, no Estado de São Paulo; de

janeiro a abril, no Paraná e, de fevereiro a maio, em Mato Grosso do Sul.

Frutificação: os frutos amadurecem em maio, no Estado do Rio de Janeiro; de maio a agosto, no Paraná e no Estado de São Paulo e, de agosto a novembro, em Mato Grosso do Sul. O processo reprodutivo inicia por volta dos 10 anos de idade, em plantios.

Dispersão de frutos e sementes: autocórica, principalmente barocórica, por gravidade; anemocórica, pelo vento, e ictiocórica, pelo peixe botoado (*Pterodoras granulosus*), na Bacia do Rio Paraná (Souza-Stevaux et al., 1994).

Ocorrência Natural

Latitude: 3° 30'S no Ceará, a 28° S no Rio Grande do Sul.

Variação altitudinal: de 120 m em Mato Grosso do Sul e em Mato Grosso a 1.300 m de altitude na Bahia.

Distribuição geográfica: *Pterogyne nitens* ocorre de forma natural no norte e nordeste da Argentina (Martinez-Crovetto, 1963), no sul da Bolívia (Killeen et al., 1993), e no noroeste do Paraguai (Lopez et al., 1987).

No Brasil, essa espécie ocorre nos seguintes Estados (Mapa 7):

- Alagoas (Auto, 1998).
- Bahia (Luetzelburg, 1922/1923; Lima, 1975; Lewis, 1987; Pinto et al., 1990; Lima & Lima, 1998; Silva et al., 2000).
- Ceará (Ducke, 1959; Braga, 1960; Tavares et al., 1974; Fernandes, 1997).
- Espírito Santo (Thomaz et al., 2000).
- Goiás (Motta et al., 1997; Rosa et al., 1997).
- Mato Grosso (Paula et al., 1989; Dubs, 1994).
- Mato Grosso do Sul (Jankaukis & Rios, 1968; Leite et al., 1986; Pott, 1990; Conceição, 1991; Pott & Pott, 1994; Paula et al., 1995; Souza et al., 1997; Pott et al., 2000).
- Minas Gerais (Magalhães, 1956; Magalhães & Ferreira, 1981; Strang et al., 1982; Brandão & Magalhães, 1991; Brandão & Araújo, 1992; Brandão et al., 1993; Carvalho et al., 1996; Garcia & Neves, 1999).
- Paraíba (Ducke, 1953).
- Paraná (Nogueira et al., 1982; Leite et al., 1986; Roderjan & Kuniyoshi, 1989; Goetzke, 1990; Oliveira, 1991; Soares-Silva et al., 1992; Souza et al., 1997).

- Pernambuco (Ducke, 1953; Lima, 1954; Lima, 1956; Tavares, 1959; Lima, 1970; Pereira et al., 1993; Ferraz, 1994).
- Rio Grande do Sul (Marchiori, 1997).
- Estado de São Paulo (Camargo & Marinis, 1966; Mainieri, 1970; Nogueira, 1976; Nogueira et al., 1982; Durigan & Dias, 1990; Nicolini, 1990; Ortega & Engel, 1992; Durigan & Leitão Filho, 1995; Nave et al., 1997; Primavesi et al., 1997; Camargo & Cavassan, 1999).
- Sergipe (Brasil, 1976; Lima et al., 1979).

Aspectos Ecológicos

Grupo sucessional: espécie secundária inicial (Durigan & Nogueira, 1990), com papel pioneiro em sítios arenosos e degradados (Lopez et al., 1987), a espécie secundária tardia (Ferretti et al., 1995).

Características sociológicas: o amendoim está presente na vegetação secundária, em capoeiras, e freqüentemente como árvore isolada em pastagens (Nogueira, 1977). Regenera-se intensamente nas áreas abertas e é planta invasora de pastagens (Pinto, 1980).

Regiões fitoecológicas: *Pterogyne nitens* ocorre naturalmente, sobretudo na Floresta Estacional Semidecidual Submontana, onde ocupa o dossel superior ou emergente; na Floresta Estacional Decidual, na Bacia do Rio Uruguai (Klein, 1982; Marchiori, 1997) e na formação Aluvial, em Mato

Grosso do Sul (Pott et al., 2000); na Floresta Ombrófila Densa (Floresta Atlântica); no Cerradão e ocasionalmente, no Cerrado; no domínio da Caatinga/Mata Seca (Lima et al., 1979; Lima & Lima, 1998) e na Caatinga Arbórea Aberta ao longo dos rios Verde e São Francisco, no norte de Minas Gerais (Brandão & Gavilanes, 1994).

A espécie é também encontrada na Bahia, na transição da Caatinga com a Mata de Cipó (Lewis, 1987), no Pantanal Mato-Grossense, onde é freqüente nas partes secas calcárias (Conceição & Paula, 1986), nos brejos de altitude, em Pernambuco (Pereira et al., 1993).

Fora do Brasil, ocorre na Selva Misionera e Selva Tucumano-Boliviana.

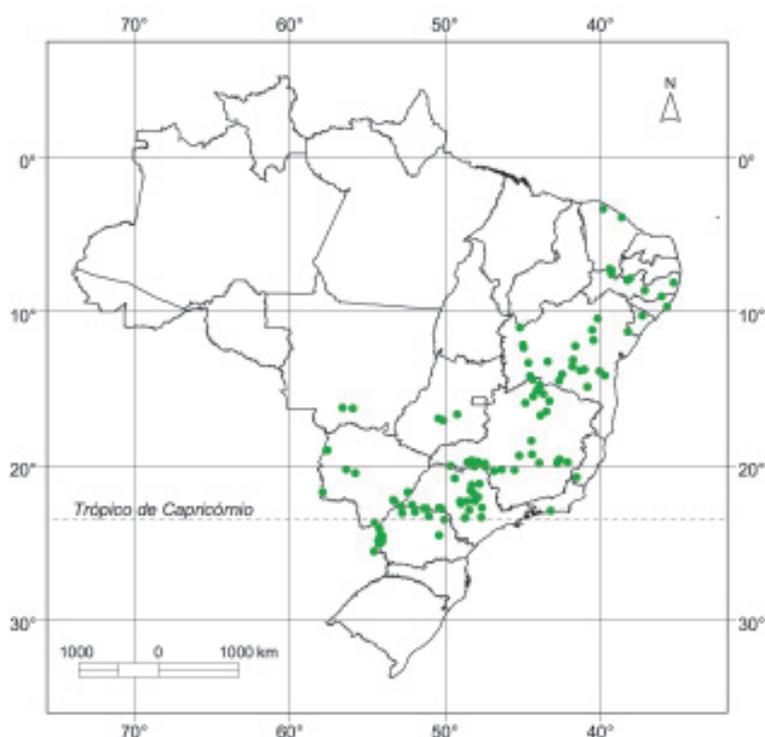
Clima

Precipitação pluvial média anual: desde 700 mm na Bahia a 2.200 mm em Alagoas.

Regime de precipitações: chuvas uniformemente distribuídas, no oeste do Paraná; e periódicas, com chuvas concentradas no verão, nas demais regiões.

Deficiência hídrica: nula, no oeste do Paraná; pequena (no inverno), no norte do Paraná; moderada (no inverno), no oeste do Estado de São Paulo e sul de Mato Grosso; de moderada a forte, no oeste da Bahia, com estação seca de até 5 meses e forte no norte de Minas Gerais.

Temperatura média anual: 18,5°C (Tibagi, PR) a 25,3°C (Bom Jesus da Lapa, BA).



Mapa 7. Locais identificados de ocorrência natural de amendoim (*Pterogyne nitens*), no Brasil.

Temperatura média do mês mais frio: 14,5°C (Foz do Iguaçu, PR) a 23,8°C (Barbalha, CE).

Temperatura média do mês mais quente: 21,8°C (Vitória da Conquista, BA) a 27,2°C (Corumbá, MS).

Temperatura mínima absoluta: -5,3°C (Guaíra, PR).

Número de geadas por ano: médio de 0 a 4; máximo absoluto de 7 geadas, na Região Sul, mas predominantemente sem geadas ou pouco frequente.

Tipos climáticos (Koeppen): subtropical úmido (Cfa); subtropical de altitude (Cwa e Cwb); tropical (Aw) e semi-árido (BSh).

Solos

Pterogyne nitens ocorre naturalmente em solos de baixa fertilidade química, com textura desde arenosa até argilosa e em solos calcários. No sul do Ceará, encontra-se nos solos aluvionais e coluvionais de tabuleiros profundos (Tigre, 1970).

Em plantios experimentais no Paraná, tem crescido melhor em solos de fertilidade química elevada, bem drenado e com textura argilosa.

Semente

Colheita e beneficiamento: os frutos de amendoim devem ser colhidos quando estiverem com coloração parda ou marrom-clara.

Em frutos colhidos com coloração marrom-escuro, as sementes perdem o poder germinativo. As sementes persistem muito tempo na árvore, sendo importante coletá-las na época apropriada, para evitar danos por insetos que muito prejudicam o poder germinativo.

Elas atingem seu tamanho máximo 50 dias após o florescimento, enquanto a maturidade fisiológica foi constatada aos 71 dias, com um teor de umidade entre 60% a 65% (Carvalho et al., 1980). A extração das sementes é feita manualmente.

Número de sementes por quilo: 4.500 (Ettori et al., 1988) a 13 mil (Santos, 1979).

Relação peso de sementes/peso de frutos: 90% a 100% (Pásztor, 1963).

Tratamento para superação da dormência: apresenta dormência tegumentar, sendo recomendados como tratamentos pré-germinativos:

- Imersão em água quente fora do aquecimento a 65°C, seguido de repouso por 12 horas (Capelanes, 1991), punção do tegumento (Nassif & Perez, 1995).

- Escarificação em ácido sulfúrico concentrado por 10 e 15 minutos (Durigan et al., 1997; Leonart et al., 2000).

- Escarificação mecânica (Leonart et al., 2000).

Contudo, segundo Lopez et al. (1987), no Paraguai, as sementes germinam rapidamente, sem necessidade de tratamento pré-germinativo.

Tratamentos térmicos, com imersão em água fervente por 30, 60 e 90 segundos causaram danos ao embrião de muitas sementes (Leonart et al., 2000).

Longevidade e armazenamento: as sementes armazenadas a seco, mantêm o poder germinativo por pelo menos 2 anos (Durigan et al., 1997).

Sementes de amendoim sem determinação do poder germinativo inicial, armazenadas em vidro em sala, apresentaram 3% de germinação aos 7 anos, e mostraram comportamento ortodoxo em relação ao armazenamento.

O armazenamento das sementes de amendoim em ambiente não controlado deve ser feito utilizando-se inseticidas, pois o ataque de carunchos é intenso.

Germinação em laboratório: maiores detalhes sobre a germinação das sementes dessa espécie podem ser encontrados em Barbosa (1982) e em Nassif (1996).

Produção de Mudanças

Semeadura: recomenda-se semear em sementeiras, para posterior repicagem, ou em sacos de polietileno com dimensões mínimas de 20 cm de altura e 7 cm de diâmetro, ou em tubetes de polipropileno de tamanho médio.

A repicagem pode ser efetuada 2 a 4 semanas após a germinação. Gurgel Filho & Pásztor (1962) preconizam a semeadura de 300 g de fruto por metro quadrado de sementeira.

Germinação: epígea, com início entre 8 a 68 dias após a semeadura. O poder germinativo é alto, até 99% em sementes com dormência superada, e baixo, até 41% em sementes sem dormência superada. As mudas atingem porte adequado para plantio, cerca de 6 meses após a semeadura.

Associação simbiótica: as raízes do amendoim não associam-se com *Rhizobium* (Allen & Allen, 1981; Faria et al., 1984; Oliveira, 1999).

Propagação vegetativa: o amendoim possui raízes gemíferas que permitem uma regeneração agâmica (Castiglioni, 1975). Estacas radiciais de 5 cm ou mais de comprimento, com diâmetros acima de 0,5 cm, emitem brotações caulinares e novas raízes (Parodi, 1936/1938).

Gurgel Filho (1959), utilizando o método da borbulhia, conseguiu 55% de pegamento contra 20% de enxertos, utilizando o método da garfagem. Em ambos os métodos, houve mês com 0% e 100% de pegamento.

Cuidados Especiais

- A utilização da adubação mineral – suplementada com o emprego do adubo orgânico orgamin e doses de NPK – apresentou um significativo incremento sobre o desenvolvimento das mudas dessa espécie na fase de viveiro (Mariano et al., 1991).
- Mudas em raiz nua apresentam bom pegamento, mas são sensíveis ao transplante (Lopez et al., 1987).

Características Silviculturais

O amendoim é uma espécie heliófila. Apresenta tolerância variável às baixas temperaturas, desde medianamente tolerante a tolerante. As mudas de amendoim, quando atingidas pelas geadas, apresentam recuperação muito boa.

Hábito: geralmente tortuoso, muito ramificado, sem dominância apical e às vezes com multitronco, a regular. A desrama natural só se realiza quando as plantas estão sob sombra ou bastante adensadas.

O amendoim necessita de poda freqüente e periódica, de poda de condução e dos galhos, durante os primeiros anos. As podas são feitas com dificuldade e a cicatrização é difícil.

Métodos de regeneração: essa espécie não se desenvolve bem em povoamentos puros a pleno sol (Tabela 7). Recomenda-se plantio misto associado com espécies pioneiras ou plantio em linhas com faixas abertas em vegetação matricial arbórea.

O amendoim tem boas perspectivas para plantios de enriquecimento de bosques (Lopez et al., 1987). Brota da touça após corte, podendo ser manejada pelo sistema de talhadia.

Melhoramento e Conservação de Recursos Genéticos

Pterogyne nitens corre risco de extinção, apresentando um reduzido número de exemplares em ocorrência natural no Estado de São Paulo (Itoman et al., 1992), estando na lista das espécies para conservação genética naquele Estado (Siqueira & Nogueira, 1992).

Para isso, foram instaladas populações-base ex situ (Nogueira et al., 1986a).

Nessas populações foram identificadas variabilidades de crescimento entre progênies, e o experimento mostrou que a variação genética se encontra distribuída dentro das populações, conforme o comportamento de outras espécies arbóreas tropicais avaliadas a partir de caracteres quantitativos e isoenzimáticos (Sebbem et al., 1999).

Ainda segundo esses autores, o resultado combinado com os altos valores obtidos do coeficiente de herdabilidade e com o coeficiente de variação fenotípico dentro de progênies – para os caracteres altura e DAP – revelam que esse material genético é altamente potencial para programas de melhoramento.

Crescimento e Produção

O crescimento do amendoim é lento a moderado (Tabela 7). Em plantios, seu crescimento volumétrico máximo foi $7 \text{ m}^3 \cdot \text{ha}^{-1} \cdot \text{ano}^{-1}$. Fator de Forma de 0,85 (Paula et al., 1995).

Características da Madeira

Massa específica aparente: a madeira do amendoim é moderadamente densa (0,70 a $0,87 \text{ g} \cdot \text{cm}^{-3}$), a 15% de umidade (Tortorelli, 1956; Pereira & Mainieri, 1957; Mainieri & Chimelo, 1989; Jankowsky et al., 1990).

Cor: alburno distinto do cerne, bege-claro e levemente amarelado. Cerne bege-rosado-escuro, ou castanho-claro, uniforme.

Características gerais: superfície brilhante e irregular, lisa ao tato e lustrosa a algo áspera; textura média; grã direita a irregular. Cheiro pouco perceptível, às vezes com odor de amendoim cru e gosto ligeiramente amargo.

Durabilidade natural: resistência moderada ao apodrecimento, não devendo estar em contato com o solo ou com umidade prolongada.

Estacas de cerne dessa espécie mostraram-se altamente resistentes a fungo e resistentes ao cupim (Cavalcante et al., 1982).

Estacas soterradas por 20 anos indicam que a vida média da madeira dessa espécie é inferior a 15 anos (Rocha et al., 2000).

Preservação: madeira com baixa permeabilidade às soluções preservantes; apresenta os vasos parcialmente obstruídos por óleo-resina e fibras de lume reduzido.

Secagem: com tendência a apresentar rachaduras. O processo conduzido em estufa deve ser rigorosamente controlado para evitar alta incidência de defeitos.

Tabela 7. Crescimento do *Pterogyne nitens* em experimentos no Ceará, no Paraná e no Estado de São Paulo.

Local	Idade (anos)	Espaçamento (m x m)	Plantas vivas (%)	Altura média (m)	DAP médio (cm)	IMAv (a)	Classe de solo (b)
Campo Mourão, PR ¹	5	3 x 3	87,5	2,80	4,8	...	LVdf
Cosmópolis, SP ²	20	18,00	18,0	...	LVdf
Dois Vizinhos, PR ¹	10	3 x 3	100,0	9,15	10,9	4,75	LVdf
Foz do Iguaçu, PR ³	9	4 x 4	81,2	7,54	9,6	...	LVdf
Ilha Solteira, SP ⁴	1	3 x 3	...	3,60	LVd
Jaboticabal, SP ⁵	4	2,8 x 2	98,4	3,78	3,6	...	LVd
Santa Helena, PR (c) ⁶	5	4 x 2	94,4	4,21	2,6	...	LVef
Santa Helena, PR (d) ⁶	5	4 x 2	91,6	3,68	1,9	...	LVef
Santa Helena, PR ³	9	4 x 3	100,0	7,70	8,3	1,95	LVef
Santa Helena, PR (e) ⁷	10	3 x 3	100,0	11,31	11,4	6,40	LVef
Santa Helena, PR (f) ⁷	10	3 x 3	100,0	7,41	8,3	2,25	LVef
São Simão, SP ⁸	14	2 x 2	94,7	9,02	10,7	7,00	LVdf
Sobral, CE ⁹	11	2 x 2	...	1,40

(a) Incremento médio anual em volume sólido com casca ($m^3 \cdot ha^{-1} \cdot ano^{-1}$), calculado com valores médios de altura e de DAP.

(b) LVdf = Latossolo Vermelho distroférrico; LVd = Latossolo Vermelho distrófico; LVef = Latossolo Vermelho eutroférrico.

(c) Abertura de faixas e plantio em linhas na direção Leste – Oeste em povoamentos densos espontâneos de *Leucaena leucocephala*.

(d) Abertura de faixas e plantio em linhas na direção Norte – Sul em povoamentos densos espontâneos de *Leucaena leucocephala*.

(e) Em plantio misto; dados fornecidos pela Itaipu Binacional.

(f) Em plantio puro, dados fornecidos pela Itaipu Binacional

(...) Dado desconhecido, apesar de o fenômeno existir

Fonte: ¹Silva & Torres, 1992.

²Nogueira, 1977.

³Embrapa Florestas /Itaipu Binacional.

⁴Santarelli, 1990.

⁵Fonseca et al., 1974.

⁶Zelazowski & Lopes, 1993.

⁷Itaipu Binacional.

⁸Gurgel Filho et al., 1982a.

⁹Silva et al., 1980.

Trabalhabilidade: fácil, recebendo um bom acabamento. É considerada de fácil colagem.

Outras Características

- Apresenta certa semelhança com o mogno (*Suietenia macrophylla*), contudo mais pesada e menos bela (Rizzini, 1971), e comparável, mas inferior à cabriúva (*Myrocarpus frondosus*).
- É madeira elástica, tenaz e resistente, utilizada em peças curvas (Correa, 1975).
- As características anatômicas, as propriedades físicas e mecânicas da madeira dessa espécie são encontradas em Mainieri & Chimelo (1989) e em Mattos (1999).

Produtos e Utilizações

Madeira serrada e roliça: a madeira de amendoim é indicada para móveis finos, lambris, carpintaria em geral, tacos e tábuas para assoalho, carroçaria, construção civil, vigas, caibros, ripas, forro e esquadrias; caixas de rádio, interiores de vagões ferroviários e de embarcações, tanoaria, escadas extensíveis, obtenção de folhas faqueadas, decorações internas, revestimentos

decorativos, chapas e lâminas ornamentais; dormentes, mourões, postes e estacas; implementos agrícolas, cabos de ferramenta, artigos de tornearia, talas e molduras (Ghildardi & Mainieri, 1964; Celulosa Argentina, 1975).

A madeira dessa espécie tem larga aplicação na fabricação de tonéis, barris, corotes e tanques para bebidas e produtos ácidos (Mainieri & Chimelo, 1989). Essa espécie é recomendada também para construção de barcos e de casas na zona rural e nas cidades do interior (Paula et al., 1995).

Energia: espécie produtora de lenha de boa qualidade (Nogueira, 1977). No Pantanal Mato-Grossense, produz lenha para uso em fornos e caldeiras, e para carvão (Conceição & Paula, 1986).

Celulose e papel: espécie inadequada para este uso.

Constituintes químicos: presença intensa de alcalóides na casca e no lenho e presença intensa de cumarinas na casca (Sakita & Vallilo, 1990).

Matéria tintorial: o amendoim apresenta seiva rósea. O extrato aquoso do seu pó de serra tem cor roxa e é usado em tinturaria.

Saponina: presença intensa na casca (Sakita & Vallilo, 1990).

Substâncias tanantes: presença intensa na casca (Sakita & Vallilo, 1990).

Paisagístico: como árvore ornamental, tem um valor muito grande, não só pela beleza e pelo odor das flores como também pela folhagem brilhante e pelos frutos que apresentam tons cambiantes à medida que amadurecem.

Essa espécie é recomendada para vias urbanas e arborização de rodovias (Cesp, 1988; Lorenzi, 1992). É ainda plantada em muitas cidades brasileiras, entre as quais, Foz do Iguaçu, PR (Costa & Kaminski, 1990).

Reflorestamento para recuperação ambiental: a espécie é recomendada para restauração de mata ciliar em locais com

inundações periódicas de rápida duração e para revegetação em sítios arenosos e degradados; suporta encharcamento leve.

Principais Pragas

As sementes apresentam intenso ataque de carunchos.

Espécies Afins

O gênero *Pterogyne* Tulasne é monotípico, habitante de regiões secas da América do Sul, desde o Nordeste do Brasil até o norte da Argentina.

Embrapa

Florestas

Referências Bibliográficas

clique aqui